

A indústria eléctrica alarga os seus mercados e aumenta os seus investimentos no estrangeiro*

No futuro a construção eléctrica continuará a ocupar uma posição-chave na economia mundial em expansão. Esta indústria continuará a ser um factor de impulsão determinante do crescimento económico, tanto em quantidade como em qualidade. A diversidade das aplicações e as possibilidades de transporte da energia eléctrica criaram as condições para um desenvolvimento económico geograficamente dilatado. Sem a electricidade, não haveria divisão moderna do trabalho. Números processos industriais não podem ser racionalizados e mecanizados senão com a intervenção de motorizações eléctricas. Ao nível individual, múltiplas aplicações da técnica não existiriam sem a presença da energia eléctrica. Sem a electrotécnica, não se pode conceber a nova vida moderna.

As aplicações crescentes, da electricidade e o intensivo progresso técnico conjugaram-se para suscitar uma elevada necessidade de produtos electrotécnicos tendo como resultado, uma forte expansão da indústria eléctrica em todos os grandes países. O grande salto deu-se após a segunda guerra mundial: hoje, esta indústria emprega dez milhões de pessoas no mundo — oito vezes mais que antes da guerra — e fez, em 1973, um volume de negócios de cerca de 640 mil milhões de marcos, ou seja vinte e quatro vezes o valor de antes da guerra.

A taxa de crescimento desta indústria nos dez próximos anos é estimada em 7 a 8 % ao ano. Mantendo sempre os principais utilizadores de materiais electrotécnicos, os mercados dos países industriais do ocidente não poderão assegurar a totalidade desse crescimento. Os países do leste situar-se-ão um pouco acima do crescimento médio. São as outras partes do mundo que progredirão bem acima da média, tendo em primeiro plano os países exportadores de petróleo e de matérias-primas.

As razões que explicam o crescimento desta indústria intervieram igualmente para fazer subir o seu lugar

no comércio mundial. Nas vésperas da primeira guerra mundial, os produtos electrotécnicos representavam somente 1 %, do comércio mundial. Hoje, a sua parte é de 7 %. No intervalo, o comércio destes produtos progrediu sete vezes mais depressa que o comércio mundial no seu conjunto.

A indústria eléctrica contribuiu muito mais nitidamente que a maioria dos outros ramos para o progresso técnico e económico. Ela deveria conservar este papel de pioneira. Mas, em vista das diferentes condições do progresso nas diversas partes do mundo, ela terá que assumir posições bem diferentes conforme os países.

O desenvolvimento a dar-se é primeiramente dominado por um facto essencial: a taxa que se espera para o crescimento da população mundial até ao ano 2000. Os demógrafos estimam que a população actual, de 3,5 mil milhões de homens, deverá atingir cerca do dobro. Por esta simples razão já, a economia mundial será assim também estrangida ao crescimento no futuro. A maior parte deste aumento de população dar-se-á mais nos países em vias de desenvolvimento, enquanto que a população da maioria dos países industrializados estagnar-se-á ou subirá modestamente. Isto significa que, pelo facto da evolução demográfica mundial, o crescimento económico futuro será influenciado em volume e em estrutura. Uma consequência será a aparição de novas localizações para a indústria.

Nos países em vias de desenvolvimento, uma determinada industrialização permitirá fazer subir os níveis de vida que em muitos casos se terão mantido muito baixos. Mas o erro será lançar uma industrialização não ligada às condições estruturais desses países.

(*) Tradução livre do artigo de Peter von Siemens, publicado no «Monde Diplomatique» de Março de 1975.

CRESCIMENTO QUANTITATIVO E QUALITATIVO

A indústria eléctrica está, em primeiro lugar, massivamente empenhada na realização das infra-estruturas nos países em vias de desenvolvimento. Segundo as indicações do Banco Mundial, mais de um terço das contribuições do banco e da sua filial IDA destina-se ao sector da energia e das telecomunicações nesses países. Na fase seguinte de industrialização, a construção eléctrica poderia tornar-se um sector-chave, tal como foi observado nos países industrializados.

A situação é completamente diferente nos países industrializados, onde se trataria, na maior parte dos casos, de responder a um problema de penúria de mão-de-obra; problema que em nada é afectado pelo desemprego conjuntural que hoje se manifesta em muito numerosos países. Só uma racionalização acelerada permitirá prosseguir o crescimento económico num mercado que cresce regularmente. Para tal, a construção eléctrica pode contribuir, pela sua parte, por exemplo, pela automatização dos processos de produção por sistemas de comando. Outras possibilidades de mercado são criadas pela racionalização do sector dos serviços, sector este em rápido crescimento em todos os países industrializados.

Mas a indústria eléctrica não deve ser considerada somente como um motor de crescimento quantitativo. Certamente, este é necessário para que as grandes missões do Estado e da sociedade possam cumprir-se. Mas — e isto traduz uma mudança de concepção — o crescimento pelo crescimento não pode mais ser a divisa duma política industrial consciente do futuro. Com razão, Henry Ford II, neto do fundador e actual presidente da Ford, mostrou que os anos 50 tinham sido consagrados a reconstruir as economias arruinadas pela guerra e a recuperar os atrasos acumulados. Os anos 60 conduziram a um bem-estar jamais atingido por largas camadas de população, acompanhado contudo por preocupantes ameaças sobre o ambiente. Os anos 70 e 80 reclamam uma consolidação do já adquirido, mas, ao mesmo tempo, exigem a realização das grandes infra-estruturas que possam trazer à nossa existência um ambiente mais sã e em que melhor se possa viver. Para isto, não é tanto dos impostos mais elevados, ou duma burocracia mais complicada que se necessita, mas de algumas inovações industriais, ou seja de novos processos e de novos produtos para as necessidades individuais e colectivas.

A indústria eléctrica tomou a seu cargo especialmente as missões correspondentes à sua vocação. Citamos somente novos projectos de transportes respeitando o ambiente, os inumeráveis trabalhos no domínio da automatização, das técnicas de medida e de análise para o abastecimento em água potável, o controlo da qualidade das águas, de instalações de comando de reciclagem das águas usadas e dos detritos industriais e sua regeneração, assim como o controlo e a supressão da poluição do ar.

As fabricações modernas da indústria eléctrica exigem vastos mercados. Para a fabricação de unidades altamente técnicas absorvendo muito capital — centrais eléctricas

completas, computadores gigantes, sistemas de telecomunicações — o construtor pode não se limitar exclusivamente ao mercado interno, mas pode intervir à escala mundial. As elevadas despesas de investigação — desenvolvimento (R-D) obrigam a empresa a voltar-se para um grande número de países. Assim para desenvolver novos sistemas de telecomunicações, é necessário investir muitas centenas de milhões de marcos; orçamentos de R-D da mesma ordem de grandeza se impõem na informática ou na energia nuclear. Estas despesas não são cobertas senão por um volume de produção que, regra geral, excede francamente as necessidades de um só mercado. Por seu lado, as avançadas técnicas de produção, bem evidentemente, exigem grandes mercados. Em numerosas produções de massa, a produção óptima excede a capacidade de absorção do simples mercado nacional.

Por todas estas razões, a orientação internacional e a implantação exterior impôr-se-ão para largos sectores da indústria eléctrica. A experiência tem mostrado que a actividade internacional não pode repousar unicamente sobre a exportação. O domínio dos mercados exige outras formas de acção e em primeiro lugar, a instalação de unidades de produção no estrangeiro; nestes dez últimos anos, a indústria eléctrica foi levada a aumentar os seus investimentos no estrangeiro. No futuro, os mercados estrangeiros darão uma crescente importância às políticas de investimento.

Os investimentos das empresas internacionais apresentam uma vantagem para os países que os acolhem, e particularmente no caso dos países em via de desenvolvimento, em que não falta somente o capital, mas também o saber técnico e a experiência industrial. À diferença da ajuda financeira bi ou multilateral, os investimentos directos das empresas internacionais não se reduzem à importação de equipamentos, mas comportam ainda a transferência de tecnologia, a formação e o emprego da mão-de-obra nacional, compreendendo o enquadramento técnico, numa palavra a inserção da produção e da venda numa rede de empresas operando à escala mundial. Por isto se acha favorecida a industrialização reconhecida como imperativa desses países, mas também a sua integração na moderna divisão internacional do trabalho. Em muitos países da América Latina, ou da Ásia, ainda não existiria qualquer indústria eléctrica significativa se as firmas estrangeiras não tivessem criado os primeiros fundamentos, assegurando assim as condições para uma industrialização autónoma.

Do facto da interpenetração sem precedente dos países e dos continentes, o desenvolvimento futuro da indústria eléctrica depende mais que nunca do funcionamento eficaz da economia mundial. Isto supõe acima de tudo que sejam vencidas as severas dificuldades que se manifestam na confrontação cada vez maior entre países exportadores e países importadores de matérias-primas, assim como na desintegração dos mercados. Muito particularmente, o aparecimento do Mercado-Comum Europeu teria consequências muito nocivas para a indústria eléctrica, assim como para vários outros ramos industriais. Os governos deveriam, por este motivo, não se poupar a esforços para salvaguardar livres relações económicas no mundo ■